MARIA ARAGÃO E SUA CONCEPÇÃO DA MEDICINA: trajetória de luta

Márcia Antonia Piedade Araújo
Doutoranda em Psicologia Social/Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Professora da Universidade Federal do Maranhão
mapaaraujo@uol.com.br

Ana Maria Jacó-Vilela
Professora Doutora em Psicologia Social
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
amjaco@uol.com.br

1 INTRODUÇÃO

Como ser social e histórico, o homem vive o presente nele articulando o passado e o futuro. O conhecimento traz em si, portanto, um caráter histórico. O passado que o carregou até agora, se manifesta como história direcionada ao que aconteceu; o presente, ao investigar e interpretar o passado, (re)cria a história num processo contínuo de transformações e de mudanças nas relações em que ele se inscreve e se desenvolve. Cabe ressaltar, no entanto, que a história é sempre provisória, posto que sempre será envolvida em tantas outras histórias que produzem novas formas de compreender o mundo. "O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa [...]" (BLOCH, 2001, p. 75). Portanto, a forma como se conta a história pode influenciar o porquê de ela ser contada, e ainda o que nela será contado. O objetivo deste texto é narrar.

2 A HISTÓRIA E SUAS POSSIBILIDADES DE ENCONTROS: MARIA ARAGÃO, MEDICINA, MARANHÃO

Historicamente, lidar com vidas, tomar decisões, orientar, aconselhar, fazer intervenções clínicas ou cirúrgicas em pacientes são ações dos médicos, que foram socializados, a se sentirem responsáveis pela vida das pessoas que os procuram em busca de assistência. Assim, na prática, tornaram-se guardiões da vida (MACHADO, 1997).

Enfatizar a forte presença da médica Maria Aragão no contexto maranhense, atuando de forma decisiva para melhorar as condições de saúde do Estado, requer uma breve retrospectiva histórica da Medicina no Brasil e no Maranhão.

Esta história, no Brasil, pode ser dividida em três fases: a primeira abrange os três séculos de colonização, a partir da "descoberta" do Brasil por Portugal e se prolonga até a implantação do ensino médico, em 1808 – é a Medicina dos físicos e cirurgiões, curiosos e feiticeiros, abrange toda a história da velha Arte médico-cirúrgica dos primeiros habitantes; indígenas, povoadores, colonizadores, negros escravos.

Na segunda fase, nomeada por Santos Filho (1977) de Medicina pré-científica, é caracterizada pela criação (1808) das escolas de Salvador e do Rio de Janeiro, momento em que o Brasil passa à categoria de Reino e logo após se separa de Portugal, rompendo, inclusive, os laços culturais e científicos. Com isso desaparecem, aos poucos, os físicos e cirurgiões de formação ibérica e surgem os doutores das faculdades nacionais, instruídos segundo o modelo da França, onde estudantes brasileiros foram estudar e se aperfeiçoar.

A terceira fase é inaugurada com os trabalhos do Instituto de Manguinhos, no Rio de Janeiro, em 1899, norteados pelo pesquisador e sanitarista Oswaldo Cruz (SANTOS FILHO, 1979). Apesar das dificuldades encontradas, a Medicina no Brasil avança para um estágio de estudos e adoção de métodos experimentais de investigação que a elevam a um nível

verdadeiramente “científico”, em que se acentua o caráter nacional, a ponto de, a partir de então, poder se chamar de “Medicina Brasileira” (SANTOS FILHO, 1977).

Cabe ressaltar que a Medicina, desde a exercida por curandeiros, curiosos, entre os quais se incluíam jesuítas, pajés, boticários e barbeiros, entre outros, sofre uma transformação progressiva. Contudo, não atinge ao mesmo tempo todas as regiões do país, processando-se tão somente em núcleos ou áreas em desenvolvimento cultural e técnico próximo ao europeu.

No tocante ao Maranhão, assim como em outros estados brasileiros, houve epidemias como varíola, sarampo, disenteria e peste, causadoras de grande mortandade nas cidades. Especificamente São Luís, segundo Meireles (1993), não dispunha de recursos médicos e farmacêuticos para enfrentar o precário estado sanitário. O salto na assistência à saúde no Maranhão aconteceu durante a administração do Dr. Paulo Martins de Sousa Ramos, primeiro como governador (1936/1937) e em seguida como interventor (1937/1945), escolhido por Getúlio Vargas. Essa administração procurou soluções para os sérios problemas de então, e nesse sentido criou em São Luís, o Centro de Saúde que leva seu nome, hospitais, sanatórios, expandindo também essa atenção para o interior do Estado, onde construiu vários postos de saúde. Deve-se a ele também o restabelecimento do ensino superior no Estado, pois foram então criadas as Faculdades de Farmácia, de Odontologia e a Faculdade de Direito pelo Governo Federal. Já a Faculdade de Ciências Médicas do Maranhão só foi criada em 1957, cuja direção foi confiada ao Dr. João Bacelar Portela. A partir daí, o Maranhão entra na era das ciências, embora continue precária a situação da saúde em todo o Estado.

A Medicina, desse modo, foi construindo um sólido conhecimento científico, e aliado a isso, reivindicou para si o monopólio da cura. Nenhum outro saber do mundo ocidental adquiriu tanto poder em definir realidades como essa ciência o fez ao longo de sua história. Aos médicos é dado o poder de definir o que é saúde ou doença, o que é sanidade ou insanidade mental, enfim, a eles é conferida a prerrogativa de elaborar e executar critérios de saúde e doença, traçando os paradigmas sanitários da sociedade moderna (MACHADO, 1997). Associa-se de imediato à imagem do médico, ontem, mais que hoje, a ideia de um homem, nunca de uma mulher, respeitável, sábio, bom observador e, mais importante, confiável. Alguém que “podia” e pode entrar nos lares, conhecer os membros da família, tornar-se o confidente das mazelas e das histórias humanas, bem como ser uma espécie de educador dos corpos e dos sentimentos, um novo sacerdote, só que a serviço da ciência e da saúde (MARTINS, 2004).

A profissão médica sempre foi exercida por homens, com exceções femininas que, por isto mesmo, se tornaram notáveis. A partir das décadas de 60 e 70 do século XX, é que se assiste a uma maior inserção feminina nesse campo, acompanhando o ingresso lento das mulheres no espaço público, no qual uma das formas foi a escolha profissional. As mulheres que lutavam por direitos como, por exemplo, o de ingressar em uma profissão “masculina”, como a Medicina, eram percebidas como uma ameaça à ordem burguesa, retratadas no discurso médico do século XIX como “degeneradoras”, “vampiras”, “assassinas”, etc. (ROHDEN, 2002).

Assim, as mudanças no papel social da mulher, durante o século XX, consideradas por estudiosos do tema como o século da “Revolução das Mulheres” levam a discussões sobre as desigualdades entre os gêneros, deixando de lado a explicação biológica, presente até então, e entendendo tais desigualdades como decorrentes de fatores sócio-culturais.

Em relação à participação feminina na Medicina, na qual só podiam cursar obstetrícia em cursos de dois anos, houve, segundo Maia (1996), a permissão para cursarem outros cursos. Aproveitando tal abertura, três mulheres matricularam-se no curso médico na Faculdade do Rio de Janeiro em 1883, sendo que a primeira a se formar como médica por essa Faculdade foi Hermelinda de Vasconcelos. Além dela, se formaram também Rita Lobato Velho Lopes, pela Faculdade da Bahia e Maria Augusta Generoso Estrela, na New York

Medical College and Hospital for Women, nos Estados Unidos da América, em 1881.

No Maranhão, a Faculdade de Medicina só foi criada em 1957 e os maranhenses eram obrigados a buscar essa formação em outros estados da federação. Com apoio financeiro da família, alguns conseguiram esse objetivo. Não foi este o caso de nossa personagem, Maria Aragão, foco de nosso estudo.

Maria Aragão saiu de São Luís em 1934 para o Rio de Janeiro, acompanhando a mãe para tratamento de saúde e, após a morte desta, decidiu cursar Medicina. Para tanto, fez o curso preparatório para ingressar na antiga Universidade do Brasil, (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro). Maria Aragão havia chegado ao Rio de Janeiro com pouquíssimos recursos financeiros, em meio a tantos sacrifícios, o pior de todos era a fome, que sempre a acompanhou desde a infância, como ela mesma afirmava "[...] Vivi desde os primeiros anos de minha vida, este sinal, o sinal da fome [...]" (ARAGÃO apud HOLANDA, 2005, p. 24). Contudo, mesmo sentindo-se desamparada não desistia. Tinha apenas uma meta a cumprir - cursar Medicina.

A solução então era trabalhar. E por intermédio de seu irmão José Maria que era sargento do Exército no Rio de Janeiro, ela conseguiu alunos e passou a dar aulas de português para motoristas, cobradores, operários, exercendo a sua primeira formação - professora normalista. Era com esse dinheiro que Maria Aragão conseguia sobreviver. Em 1936, no segundo ano de Medicina, quase deixa o curso, pois estava doente, por passar fome. Em 1938, ficou grávida de Amorim Parga, um jornalista maranhense que residia e trabalhava no Rio de Janeiro, que conheceu na mesma pensão que morava na Tijuca. Ali passaram a viver juntos, porém perdeu a criança devido à desnutrição, ao acúmulo de trabalho e de estudo. No quarto ano de Medicina, em 1939, no Rio de Janeiro, adoeceu e interrompeu o curso. Doente, desnutrida e abalada com a vida que levava de muita solidão e tristeza, o jeito era voltar para São Luís, interrompendo, temporariamente, o sonho de ser médica. Retorna à capital maranhense, mas no final desse mesmo ano, já no Rio, retoma os estudos e o trabalho, só que desta vez como cuidadora de uma senhora, mãe de uma colega da faculdade.

Em 1941, pensou em ficar no internato do Hospital Infantil Estadual Artur Bernardes, hoje Instituto Fernandes Figueiras, mas não seria remunerada. Em suas palavras: "Meus colegas de Medicina fizeram o concurso que só dava direito a casa e comida. Os colegas pobres e outros não-pobres fizeram para interno, uma espécie de residência médica que não oferecia salário, mas dava apenas alimentação e alojamento" (ARAGÃO apud HOLANDA, 1991, p. 22). Então optou por fazer concurso para enfermeira. Classificada, passou a trabalhar à noite. Dedicava o dia todo à faculdade, ao hospital e a dar aulas, passando a dormir das seis da tarde às nove da noite. Desse modo, conseguiu cursar os três últimos anos do curso, terminando-o em 1942, ano em que engravidou pela segunda vez, de um médico psiquiatra, seu amigo, cuja identidade não revelou.

Depois de formada, continuou no Rio de Janeiro trabalhando muito, mas com pouco retorno financeiro. Pensou em voltar para o Maranhão, mas a ideia não se concretizou. Recebeu um convite de um colega médico para trabalhar na cidade de General Câmara, no Rio Grande do Sul, como pediatra. Aceitou o convite de imediato e foi com sua filha. Durante o tempo em que lá permaneceu, além de sofrer preconceito por ser mãe solteira, sua filha faleceu. Esse acontecimento mudou muito sua vida e sua carreira. Não conseguiu continuar em General Câmara, pois teve sua saúde física e mental abaladas. Deixou a pediatria para sempre, não conseguia mais trabalhar com crianças. Pela primeira vez se sentiu vencida e derrotada.

Retornou ao Rio de Janeiro, onde conseguiu um estágio na área de ginecologia, no Hospital Miguel Couto, próximo a uma favela. Suas pacientes eram mulheres do morro, pessoas carentes. Quem frequentava o hospital era gente pobre com problemas semelhantes ao seu: pobreza, fome, miséria e falta de assistência. Preocupada com os problemas dessas

pessoas, procurava ajudar além do atendimento necessariamente previsto. Por outro lado, as pessoas que assistia a distinguiam pelo modo como se interessava pela resolução de problemas ligados à saúde em outras instâncias hospitalares e, ainda, pela forma atenciosa e dedicada com a qual eram recebidas.

Sua maneira de atender os pacientes foi o que a marcou como médica. Não bastava só atender. Ela tratava, cuidava, facilitava o atendimento junto a outros médicos, fornecia medicamentos, entregava-se por inteiro àquelas pessoas.

Durante os três anos de trabalho naquele hospital, começou a avaliar que ser médica só ajudava, em parte, a resolver as situações que se apresentavam. Questionava-se a respeito de sua ação individual e profissional, e sentia um desejo forte de promover encontros com as pessoas da favela. Passou então a dar opiniões na organização da favela. Começou a perceber que sua vida passava a ter mais significado, com muito mais possibilidades de manter-se inteira, de resistir, de superar obstáculos e de não ver fronteiras.

Convidada pelas mulheres da favela foi assistir a um comício de Luis Carlos Prestes (em 1945) e, depois de se encontrar com ele, decidiu entrar para o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Neste mesmo ano, volta para o Maranhão com a missão de reforçar o partido (PCB), em São Luís. Segundo Antonio Francisco (2005, p. 20): "[...] Aqui desenvolveu sempre intensa atividade política, agitadora nata que era, atuando nas portas das fábricas, fazendo comícios, escrevendo e distribuindo panfletos e jornais." Esta escolha a fez sofrer pressões de todas as maneiras. Ainda assim, resistiu e continuou firme naquilo em que acreditava, unindo a medicina e a política, no sonho de "libertar a humanidade".

Em São Luís, trabalhou primeiramente de graça. Ia às casas dos pacientes e estes só pagavam sua despesa de transporte, pois ela não tinha dinheiro sequer para pagar o bonde, andava muito a pé "[...] foi com o povão atrasado, pobre, miserável, que eu consegui ser a doutora Maria Aragão [...]" (ARAGÃO apud ANTONIO FRANCISCO, 1992, p. 92). Montou um consultório em sua residência, mas recebia muito pouco pelas consultas. Os colegas se preocuparam com esse fato e sugeriram que ela procurasse um emprego no Governo, ao que respondia: "[...] falo mal do governo, critico o governo, boto no jornal o que ele é e depois vou lá pedir emprego? Vocês não estão vendo que não tenho cara para isso?" (ARAGÃO apud ANTONIO FRANCISCO, 1992, p. 169).

Somente em 1970 conseguiu se empregar na Liga Maranhense de Combate ao Câncer, hoje Fundação Antonio Jorge Dino que abriga o Hospital Aldenora Belo, além de atuar no Posto de Saúde do bairro do João Paulo. Posteriormente, foi convidada a dirigir o Centro de Saúde do bairro do Anil, ambos municipais. Aceitou, após o compromisso de todos os funcionários de ajudá-la. A total colaboração deles resultou na elaboração de um projeto que alterava a estrutura administrativa e as instalações físicas, exigindo laboratórios, a criação um centro de puericultura e de um centro de imunização, entre outras inovações, que foram aprovadas pelas Secretarias de Saúde Municipal e Estadual.

A partir do exposto sobre a trajetória de formação e atuação de Maria Aragão na Medicina, é possível compreender a sua história de luta, marcada por muitas perdas significativas (mãe e filha) e de pobreza extrema, em busca da superação da fome, do preconceito, da perseguição e do sonho de ser médica. Este sonho, para ela, possibilitaria "salvar a humanidade" marcada como estava desde sua infância pela imposição e conselhos de sua mãe, ao insistir nos estudos para atingir seus objetivos. Nesse sentido, concordamos com Lima (2005, p. 29), ao dizer que:

> [...] lutava e sentiu o peso da luta [...] Sua decisão estava tomada: dar sua vida pelo ser humano. Poucas pessoas têm a coragem e a convicção de fazer esse sacrifício supremo por uma idéia, a maioria não quer se sacrificar, arriscar nem o emprego por seus sonhos.

A atuação de Maria como médica no Maranhão distingue-se por superar alguns dos obstáculos que se apresentavam à assistência em saúde em todo o Estado. O atendimento que prestava às pessoas em suas residências não a caracterizava como médico de família, no modelo hoje assumido pelo Estado por necessidade de ajudar os mais carentes e atendê-los em suas realidades.

Ser médica significava a possibilidade de mudar a vida das pessoas pobres, e por isso ela se empenhou pela melhoria das condições sociais. Mesmo quando esteve presa por questões políticas - durante a ditadura militar de 1964-1985 -, não abandonou a profissão, fazendo desta uma bandeira de luta. Entre as muitas passagens críticas nesse período, a mais humilhante foi ter que atender os pacientes em seu consultório, cercada por policiais.

As lutas sociais abraçadas por Maria Aragão, tais como: construção de uma sociedade sem desigualdades sociais, direitos básicos respeitados, igualdade de direitos entre homens e mulheres, combate a todas as formas de discriminação, saúde preventiva, defesa do meio ambiente e desenvolvimento sustentável, foram as razões de seu destaque em relação às demais mulheres de sua época no Maranhão.

Cabe destacar que sua participação esteve ligada a três instituições: a Associação das Médicas do Maranhão (AMMA), a Sociedade de Obstetrícia e Ginecologia do Maranhão (SOGIMA) e a Sociedade Brasileira de Patologia Cervical Uterina e Colposcopia, locais onde ela costumava evocar as dificuldades enfrentadas pelas pacientes: “Companheiros, precisamos ajudar essa mulheres, elas não têm nem o que comer, quanto mais dinheiro para remédio ou seguir dieta.” (ARAGÃO apud BRITO, 2005, p. 26).

Foi possível localizar alguns depoimentos de colegas de profissão e de pessoas que conheceram e conviveram com Maria e que retratam sua concepção de Medicina:

> Ao longo de toda a sua vida, a médica Maria Aragão, extrapolou os limites científicos da Medicina [...] entendeu que esta profissão, além de tentar melhorar a vida física e mental de pessoas, tem o viés de identificar os grandes problemas das mesmas, no campo social [...] [entendia] [...] ser mais importante do que as discussões sobre as diferenças sociais em que as pessoas nascem, a existência de mecanismos e atitudes concretas que modifiquem essas condições sociais, diminuindo as desigualdades existentes [...] (MURAD, 2005, p. 5).

> [...] Maria Aragão foi a mulher mais conhecida e combatida em nossa capital [São Luís] na década de 40 [do século XX], com idéias renovadoras, motivada por um ideal ao qual dedicou toda sua vida, razão de ser de sua existência [...] escolhendo o campo da medicina com o objetivo de vencer, a melhor maneira de servir à sociedade e aos pobres cujas dificuldades ela conhecia tão bem [...] Vislumbrando o seu futuro, não foi difícil encontrar o seu verdadeiro caminho: atender a pobreza e encontrar soluções para este problema. (LIMA, 2005, p. 29).

> [...] Atuou como médica e ginecologista, colocando a visão de gênero, lutando pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, combatendo todas as formas de discriminação, lutou pela saúde das gestantes, pela saúde preventiva, via a educação de qualidade e para todos como algo fundamental na construção do novo homem e da nova mulher [...] (ARRAIS, 2005, p. 33).

Nesses depoimentos é possível perceber que “ser médico” significa possuir qualidades capazes de possibilitar a interação da técnica do profissional com a esperança do paciente, na expectativa de solucionar problemas de saúde através da qualidade da relação médico-paciente. Visa modular o diferencial no atendimento médico, e construir o conceito deste junto à sociedade como tendo interesse pelas pessoas que o procuram, promovendo empatia e respeito, capacidade para ouvir, observar e discernir.

Em sua luta pelo bem da humanidade, demonstrou sempre preocupação com os problemas dos menos favorecidos e soube ver o que havia de humano em todas as coisas.

Jamais deixou de registrar e de debater seus pontos de vista, principalmente na medicina e na política. A atenção que prestava aos pacientes foi o que a fez ser admirada e respeitada pelos que foram atendidos e pelos colegas de profissão. Embora a saúde não seja de exclusiva responsabilidade médica, mas de toda a sociedade, Maria Aragão tomava-a para si, como se ela mesma pudesse, "salvar a humanidade". Buscou uma medicina apoiada na beneficência, na justiça e na autonomia do paciente, permeada pela transparência, lealdade, confiança mútua e pelo amor ao próximo e foi desse modo que trilhou o caminho como médica no Maranhão.

Os depoimentos aqui registrados demonstraram como a médica Maria Aragão, a despeito de todas as dificuldades, conseguiu, com sua simplicidade e determinação, ser reconhecida pelos trabalhos que desenvolveu, no Maranhão, no campo da Medicina. Esse relato de sua trajetória de formação e atuação permite vislumbrar o ser humano, na perspectiva de constante construção.

O relato de eventos passados são reconstruções apoiadas em fragmentos que constituem a matéria-prima, e não a história em si mesma. Entretanto, não há uma regra que separe o que é um vestígio trivial de um significativo. É necessário que se busquem conexões entre eles, pois resgatar o passado tal como ocorreu leva simplesmente a buscar a reprodução de acontecimentos, como se fosse isto possível. Portanto, é sempre conveniente lembrar que as fontes de informação numa pesquisa são o elo entre o pesquisador e a informação. Dessa relação, torna-se necessário compreender as contradições e a dinâmica de movimento, aproximando-se do passado visando compreendê-lo a partir dos sinais que permaneceram e que são vistos com nosso olhar do presente. É assim que pretendemos construir a história da personagem Maria Aragão, com análise de documentos e fragmentos de entrevistas, de acontecimentos históricos, através de resquícios de uma trajetória que nunca acaba, e com possibilidades de futuras construções.

3 CONCLUSÃO

Maria Aragão, na sua inquietação, procurou dar sentido à sua vida - à sua existência. Fugindo de determinismos, provocou rupturas e grandes mudanças a partir de suas atividades, como médica e política. É difícil separar, em muitas situações, a médica da política. Este ponto não é de nosso interesse, pois se trata afinal, de uma única pessoa. Entretanto, isso nos leva a pensar de que forma Maria Aragão conseguiu juntar a medicina e a política para realizar seu projeto de vida na luta por melhores condições sociais. Como, na sua ampla visão de cidadania, buscou articular estes dois mundos, e quais foram as contribuições psicossociais de suas ações; as condições sociais que possibilitaram que ela emergisse de modo diferente de outras mulheres em São Luís à época, e finalmente, por que escolheu uma "profissão nobre".

Tomando de empréstimo um questionamento de Holanda (1991, p. 12) "Como ousava Maria Aragão sonhar ser médica? A situação da personagem parecia ainda mais ilusória quando consideramos que ela reúne características como ser pobre, negra, originaria da roça e nordestina. Mas ela ousa corajosamente."

Numa análise de vida sempre há o que nos impressiona mais sobre a personagem. Como diz Campos (2008, p. 128), em sua crônica "Para Maria da Graça": "A alma da gente é uma máquina muito complicada que produz uma imensa quantidade de camundongos que parecem hipopótamos e de rinocerontes que parecem camundongos. O jeito é rir [...] para enfrentar o rinoceronte que entrou em nossos domínios disfarçado de camundongo [...]."

Maria Aragão certamente possuía o senso crítico de saber usar o humor e de certo não se deixou cair na tentação de não saber rir de si mesma. Apenas isso.

REFERÊNCIAS

ANTONIO FRANCISCO. **Maria Aragão**: a razão de uma vida. São Luís: SIOM, 1992.

ANTONIO FRANCISCO. Militância política de Maria Aragão. **95 Anos de Maria Aragão e 4 do IMA**, São Luís, p. 23-24, 10 fev. 2005. Edição especial.

ARRAIS, Roberto. Maria Aragão: cidadã do futuro. **95 Anos de Maria Aragão e 4 do IMA**, São Luís, p. 33, 10 fev. 2005. Edição especial.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou oficio do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRITO, Luciane. Memórias revisitadas. **95 Anos de Maria Aragão e 4 do IMA**, São Luís, p. 26, 10 fev. 2005. Edição especial.

CAMPOS, Paulo Mendes. Para Maria da Graça**.** In: ANDRADE, Carlos Drummond de et al. **Elenco de cronistas modernos**. 24 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008. p. 126-129.

HOLANDA, Lúcia de Fátima Nogueira. **A Questão de Consciência**: uma análise centrada no sujeito, uma personagem feminina importante na história do Nordeste – Maria Aragão. Disponível em: htpp:www.tribunadacidadania.com.br 1991/9/15 Pagina345.Print.htm. Acesso em: 18.01.07.

HOLANDA, Lúcia de Fátima Nogueira. Uma questão de consciência. **95 Anos de Maria Aragão e 4 do IMA**, São Luís, p. 23-24, 10 fev. 2005. Edição especial.

LIMA, William Moreira. Maria Aragão, a guerreira. **95 Anos de Maria Aragão e 4 do IMA**, São Luís, p. 29, 10 fev. 2005. Edição especial.

MACHADO, Maria Helena. **Os médicos no Brasil**: um retrato da realidade. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.

MAIA, George Doyle. **Biografia de uma faculdade**: história e estórias da faculdade de medicina da praia vermelha. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Atheneu, 1996.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

MEIRELES, Mário Martins. **Apontamentos para uma história da medicina no Maranhão**. São Luís: SIOGE, 1993.

MURAD, Abdon. Maria José Aragão: luta por ideal. **95 Anos de Maria Aragão e 4 do IMA**, São Luís, p. 5, 10 fev. 2005. Edição especial.

ROHDEN, Fabíola. Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher. Resenha de: RAGO, Elisabeth Juliska. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 10, n. 2, p. 511-514, jul./dez. 2002.

SANTOS FILHO, Licurgo de Castro. **História geral da medicina brasileira**. São Paulo: HUCITEC, EDUSP, 1977. v. 1.

SANTOS FILHO, Licurgo de Castro. A medicina no Brasil. In: FERRI, Mário Guimarães; MOTOYAMA, Shozo. **História das ciências no Brasil**. São Paulo; EPU, EDUSP, 1979.